



ELEIÇÃO EM ISRAEL

# Irã incendeia o final da campanha

Em disputa pelo Parlamento, oposição acusa Benjamin Netanyahu de pressionar o Exército por uma operação contra Teerã às vésperas da votação de hoje. Emissora de TV expõe confronto “sem precedentes” entre o premiê e o comando militar

Israel vai às urnas hoje para renovar as 120 cadeiras do Knesset (Parlamento) em quadro de profunda incerteza sobre o futuro político imediato e com a sombra da guerra com o Irã pairando sobre o país há oito meses. Diante da ameaça real de perder o cargo, o primeiro-ministro Benjamin Netanyahu aposta suas fichas na retomada das ações militares em larga escala, em parceria com o aliado Donald Trump — ele próprio, às voltas com o risco elevado de ver o Partido Republicano (governista) perder a maioria em ambas as casas do Congresso, na próxima terça-feira. Ontem, a oposição acusou o premiê de “brincar com fogo”, em meio a versões de bastidores sobre uma queda de braço entre ele e o comandante das Forças Armadas, que teria resistido a instruções para uma ação militar pré-eleitoral contra a República Islâmica.

As últimas pesquisas de opinião mostram empate técnico entre o bloco de direita liderado por Netanyahu e a coligação opositora aglutinada em torno do centrista Gadi Eisenkot. Nenhuma das duas formações, porém, estaria sequer próxima de sair das urnas com a maioria (61 cadeiras) necessária para formar o próximo governo. Na arrancada final para garantir ao menos a maior bancada parlamentar, Netanyahu publicou no X, no domingo, a imagem de uma nuvem atômica que parecia pairar sobre Tel Aviv, acompanhada de um texto, atribuído a um comentarista político, que apresenta o Irã como “ameaça existencial” e menciona o risco de um “segundo Holocausto” se ele for derrotado.

Os adversários, na mão oposta, colocaram no centro do debate eleitoral o teor de uma reportagem do Canal 12 da TV israelense, que expôs uma “confrontação sem precedentes” entre o premiê e o chefe do Estado-Maior das Forças Armadas, Eyal Zamir. Citando fontes governamentais e militares, a emissora afirma que Zamir teria resistido a uma instrução de Netanyahu para que fosse lançado, antes da votação, algum tipo de operação militar contra o Irã que, na avaliação do comandante, poderia conduzir a uma retomada do conflito “em um momento dramático e sensível” — nas palavras de um dos

Jack Guez/AFP



Na véspera da votação para o Parlamento, cartaz mostra o premiê Netanyahu com Donald Trump: aliança contra a República Islâmica



Não tente colocar seus interesses políticos acima da segurança do Estado”

Gadi Eisenkot, líder do bloco de oposição

oficiais ouvidos pela reportagem.

O general teria resistido a levar adiante os planos do premiê, a quem teria reclamado “uma discussão mais aprofundada” e a entrega de “documentos assinados” pela liderança política do país antes de executar qualquer operação. De acordo com o Canal 12, altos oficiais do Exército manifestaram o receio de que o chefe do governo utilizasse “a questão iraniana para conseguir impulso político”.

## “Sobrevivência”

Eisenkot, ele próprio ex-chefe do Estado-Maior, manifestou no X sua oposição à utilização do Exército pelo premiê numa “campanha pela própria sobrevivência política”. E advertiu: “Não tente colocar seus interesses políticos acima da segurança do Estado”. O atual líder da oposição no Knesset, o ex-premiê Yair Lapid, reagiu à reportagem do Canal 12 afirmando



Netanyahu perdeu a cabeça. Devemos, imperativamente, mandá-lo para casa”

Yair Lapid, ex-premiê israelense

que Netanyahu “perdeu a cabeça”. “Devemos, imperativamente, mandá-lo para casa”, emendou. Mesmo no campo da extrema-direita, o ex-ministro da Defesa Avigdor Lieberman, que já foi aliado do premiê, exigiu que ele seja investigado por “traição”, pois estaria “disposto a sacrificar a vida dos soldados porque teme uma derrota eleitoral”.

O atual titular da Defesa, Israel Katz, falou em favor de Netanyahu e classificou como “totalmente

infundadas e falsas” as versões sobre divergências entre governo e Exército. Afirmou, “categoricamente”, que não existiria qualquer intenção de atacar o Irã antes das eleições. Na semana passada, porém, circulou na imprensa israelense e internacional o rumor de que Donald Trump teria recusado um plano de ataque conjunto à República Islâmica, proposto pelo premiê. A informação coincidiu com a visita reservada feita a Israel pelo

## » Trump insulta a Noruega

Em campanha frenética para ajudar os candidatos do Partido Republicano na disputa por cadeiras na Câmara dos Deputados e no Senado, na próxima terça-feira, Donald Trump dirigiu ofensas pesadas à Noruega — uma semana depois de o Comitê Norueguês do Nobel ter preterido o presidente norte-americano e outorgado o prêmio da Paz para a jurista sul-africana Navi Pillay, ex-presidente do Tribunal Penal Internacional. Discursando no estado de Michigan, Trump afirmou que os cidadãos do país nórdico “não são bem-vindos” como imigrantes nos EUA. “Francamente, a Noruega é um lixo. Tornou-se um país de m...”, disparou. O presidente, que corre o risco de ficar em minoria em ambas as casas legislativas, frisou que receberia “de bom grado” cidadãos de “certos países”, mas não da Noruega, “porque não ganhei o Nobel da Paz”.

secretário de Defesa dos EUA, Pete Hegseth, em meio a versões de que aviões dos dois países teriam feito exercícios nos limites do espaço aéreo iraniano.

## “Tanto faz”

Colocado no centro da disputa eleitoral israelense, o governo de Teerã manifestou completa indiferença pelo desfecho da votação de hoje no arquirrival. “Pouco nos importa quem possa vir a assumir a liderança de um regime que só trouxe violência e massacres para a nossa região”, declarou um porta-voz da diplomacia iraniana. Ele respondia a declarações recentes do presidente dos EUA, que renovou a ameaça de derrubar o regime islâmico e reiterou o apoio à reeleição de Netanyahu, com quem contaria para “completar logo o serviço” no Irã.

## VENEZUELA

# Delcy Rodríguez critica a líder da oposição

A presidente interina Delcy Rodríguez reagiu ontem com duras críticas ao que chamou de “show” promovido no domingo pela líder opositorista María Corina Machado em seu retorno à Venezuela, depois de 10 meses de exílio. A ganhadora do Nobel da Paz de 2025 apareceu de surpresa em Barquisimeto, no oeste do país, e de lá viajou de carro até a capital, Caracas, um percurso de 400km concluindo com a recepção apoteótica por uma multidão de correligionários. “Ela poderia evitar o show: os aeroportos estão aí”, disse a interina, em declarações transmitidas pela televisão estatal. “Acredito que, de fato, a política como espetáculo deve acabar, porque a política é algo muito sério”, insistiu Delcy, que governa sob pressão de Washington

desde que o presidente eleito, Nicolás Maduro, foi capturado por comandos de elite norte-americanos e levado a Nova York, onde está sendo julgado por narcotráfico e outras acusações.

## Diálogo em marcha

A chegada repentina da líder opositora surpreendeu seus apoiadores, que foram às ruas em diferentes pontos do trajeto para saudá-la e pedir eleições presidenciais no prazo mais breve possível. Também o governo interino foi surpreendido, em meio a esforços para acelerar negociações com a oposição, sob tutela dos EUA, para a transição política. “Espero que o diálogo continue sendo um espaço para a participação política” e para a “convivência democrática”

Federico Parra/AFP



María Corina desfila por Caracas em carro aberto: retorno triunfal

de todas as vozes, afirmou Delcy.

Embora tenha oferecido “um espaço de diálogo aberto a todas as partes”, a presidente mandou recado que parece endereçado à rival: “Espero que aqueles que fizeram mal à Venezuela, aqueles que pediram sanções e agressões externas, sintam algum remorso e arrependimento”. Coincidência ou não, a chefe de comunicação do partido de María Corina, Claudia Macero, reiterou que a líder opositora está disposta a se reunir com a interina. “Ela manifesta sua disposição de se sentar não apenas com Delcy, mas com quem for necessário, diante do país, com total clareza e com uma agenda para que as coisas aconteçam”, afirmou a porta-voz.

A líder opositora ensaiava o retorno ao país desde a captura de

Maduro, mas teve suas expectativas frustradas quando o presidente dos EUA, Donald Trump, anunciou publicamente a opção por avançar nas relações com Delcy e descartou a ideia de colocar a rival à frente do governo em Caracas. Inicialmente excluída da mesa de diálogo instalada em Caracas, María Corina afirmou que não pretendia “criar obstáculos”. “Há um processo de discussão, há um processo de tutela (de Washington), mas as pessoas sentem que falta uma cadeira nessa mesa, e é a dela”, afirmou Claudia Macero.

Embora a agenda de María Corina ainda seja desconhecida, a porta-voz assegurou que ela deveria dirigir-se ao país “nas próximas horas”. “Acho que o papel dela é ouvir as propostas das pessoas e incorporá-las à discussão”, acrescentou.